

APONTAMENTOS HISTORICOS

SOBRE A

ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRAZIL

CARTA AO SR. * * *

PELO

PADRE DR. ROMUALDO MARIA DE SEIXAS BARROSO

(Natural da Bahia)



LISBOA

IMPRESA DE J. G. DE SOUSA NEVES

65, Rua da Atalaya, 67

1870

APONTAMENTOS HISTÓRICOS

SOBRE A

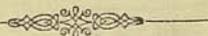
ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRAZIL

CARTA AO SR. ***

PELO

Padre Dr. ROMUALDO MARIA DE SEIXAS BARROSO

(NATURAL DA BAHIA)



LISBOA

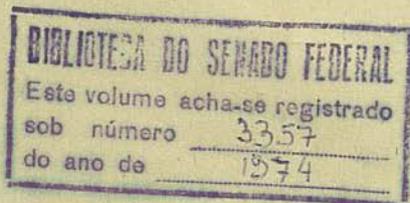
IMPRESA DE JOAQUIM GERMANO DE SOUSA NEVES
65 — Rua da Atalaya — 67

1870

V
326 981
0277
A WA
1870

Preço 500 réis.

O PRODUCTO D'ESTE OPUSCULO SERÁ APPLICADO PARA A ALFORRIA DOS ESCRAVOS.



«Acabaram-se as leis dos reis da terra,
e esta só lei ficou:
o rei que está na cruz nos libertou
e com seu sangue a todos igualou.»
(GARRET, *tom, vi o Redemptor.*)

AO LEITOR

Não era minha missão, nem é meo desejo, dando á estampa estas breves reflexões, estradar os meos Patricios para a felicidade, pela abolição da escravatura.

As idéas que emitto, bebi-as com o leite materno: o profundo respeito, que voto á liberdade, primeira pedra do magestoso edificio social, respirei-o na atmosphera, que cercou-me desde a infancia.

Mostrar porque meios se tem de conseguir a abolição da escravatura não é tão pouco o meu intento.

Com feliz resultado teem cavado nesta materia os nossos Estadistas, e indicado os caminhos que se deve seguir.

¿Que venho eu pois fazer?

Erguer a voz em nome do Christianismo, mostrar que, quando o poderoso traçava fundar nas armas o imperio da razão, a Egreja procurava quebrar essas armas de oppressão, estendendo o circulo das luzes.

Depositaria da sciencia encanecida dos seculos passados, enviada ao mundo para dirigir os passos vacillantes dos filhos de Deos, e guial-os na sua peregrinação até apresental-os na eternidade, saõ á conquista do mundo com o signal da paz, de encontro aos rochedos despedaçou as espadas rociadas do sangue da vingança, e ante os olhos attonitos da humanidade abriu um livro sublime; o Evangelho.

Nas solidões da Arabia, nas planicies do Egypto, nos valles da Syria, nas florestas da America, nos rochedos da Oceania, ella baixou como o anjo da esperanza por entre as trévas do condemnado.

Filho do povo, para elle escrevo estas paginas.

Como se não fosse bastante esse afadigar-se de pela manhan á noite para ganhar uma fatia de pão, ainda se lhe quer matar a vida do coração, com esse veneno de doutrinas erroneas e subversivas da unica auctoridade, que esposa a sua causa, que se lhe propina nas horas de descanso.

¡Ai do Povo, no dia em que deixar de lêr pelo Evangelho!

Tenho concluido o meo arrázoado ácerca dos motivos que levaram-me a enfeixar alguns artigos publicados na *Nação*.

Não posso, porém, levantar mão da penna sem que primeiro mostre a minha gratidão a todas aquellas pessoas, que me teem acarroçado na trabalhosa tarefa, que tomei a meo cargo, de colligir pelas bibliothécas do Reino todos os documentos necessarios para a historia ecclesiastica do Imperio Brasileiro.

Não é bem que tambem me fique por dizer um adeos.

Devo breve atravessar o Oceano em demanda da terra, onde vi pela vez primeira a luz do dia: impossivel é não verter uma lagrima de saudade, no momento de deixar a Europa, onde deslizaram-se os annos mais felizes, os da mocidade: impossivel não volver os olhos atraz para essa quadra da vida.

Por toda a parte encontro a dôr, o luto.

Consummou-se por emquanto a obra da iniquidade. Até que regresse a sociedade ás suas antigas virtudes e glorias, estará o Pai commum dos Fieis, ou prisioneiro e privado da liberdade, de que deve gosar o chefe do Catholicismo, ou comendo o pão negro da afflicção, amassado com as lagrimas do desterro.

Por um abysmo chama outro, uma magoa puxa outra. Convertidas em rios de sangue ahí estão essas bellas campinas da França, convertidas em sepulchros essas florescentes cidades, onde deixei cinco annos de existencia... ¿E quem sabe? talvez já tenha expirado, defendendo o solo da Patria, o amigo mais do peito...

..... Adeos, amigos!
 Saudade eterna
 levo de todos vós, e, em quanto vivo
 me palpar o coração no peito,
 heide amar-vos com impeto extremoso.
 Adeos, amigas e hospedeiras praias!
 Minha segunda Patria, adeos! eu parto
 contente co'o thesouro que me deste.

Lisboa, 13 de Novembro de 1870.



Illustrissimo Senhor:

Não obstante termos o pensamento na cruenta guerra, que junca de cadaveres o solo da França, não obstante os graves acontecimentos, que sobrevem á cada hora, transtornando o equilibrio da Europa, e causando a desgraça de tantas familias, curamos ainda de outros interesses vtaes da humanidade. Assim honrou-me v. s.^a com as suas lettras, nas quaes faz-me alguns quesitos ácerca da escravidão no Brazil.

Razão é assim o seja, pois libertar o homem, diminuir-lhe os trabalhos, tal é a idéa dominante do seculo, em que vivemos, a missão para a qual, parece, nasceo fadado.

Os seculos XV e XVI abriram de par em par as portas que obstruíam á Europa a entrada da Africa, e da America: pôde o filho da civilização calcar as arêas cégas dos desertos da primeira, e assentar-se á sombra das annosas florestas da segunda. Rainha marchava Lysia entre as nações em demanda d'essas regiões d'onde lhe chegava, através dos mares da Arabia e da Grecia, a brisa perfumada do Ambonio e do Tidor. Desfraldava Gama suas vélas ao sôpro de ventos incognitos, rutilavam novos sóes nas armas de Albuquerque.

De sondar os segredos da natureza, descendo agora ás suas lobregas moradas, subindo agora ás regiões aerias no ousado bote do areonauta, encarregaram-se os seculos seguintes. Essa obra continuará sua marcha.

A vocação do nosso seculo, que seria por ventura o mais bello, se não lhe viessem salpicar os louros nódoas de sangue, é sem duvida a da redempção do pensamento humano. Mas, para que o homem possa levantar a intelligencia até ao alto, para que torne-se digno d'essa liberdade, de que é v. s.^a advogado, forçoso é quebrar-lhe as algemas, desatal-o da calceta da dôr, onde ataramn-o os seus irmãos. Não seria por ventura mais facil accender uma fogueira no Oceano do que despertar idéas de independencia em um espirito sem cultura, e sentimentos de nobreza em um coração que, pelo mais das vezes, só os da vingança conhece?

Assim o julgamos, e por isso anhelamos ver extincta a escravidão com o dobrar do seculo XIX.

Por ter nascido em um paiz, onde ainda geme o escravo, e fecunda o seu suor os campos de senhor ingrato, muitas são as perguntas que nos dirigem ácerca de questão tão ventilada, e para todo sempre julgada no tribunal da humana razão.

Respondendo á carta de v. s.^a, satisfação a todos.

A historia com a sua severidade, as artes com os seus encantos, a poesia com seus atavíos, a eloquencia com seus ornatos dam-se as mãos para juntas apagar o ferrete, que imprimiram na frente do Brazil.

Com que patriotica indignação trôa a lyra do Patriarcha da nova escola poetica, o sr. Magalhães:

As lagrimas do misero captivo
cairam sobre vós, quando embalaram
vossos berços seus braços;
sangue do captiveiro alimentou-vos,
o vicio d'elle herdastes.
Senhores vos julgaes e sois escravos!

Mas se o alaúde Brasileiro as lastimas respira de miseravel escravo, se amamos, os Brasileiros, a liberdade, como ama o viajante a palmeira do deserto, como ama o poeta o crepusculo mysterioso da tarde, como dar-se pôde que ainda entre nós vigore a lei da escravidão?

No decurso d'esta carta verá v. s.^a a causa d'essa anomalia apparente.

Pôde v. s.^a lêr no *Français* um bem elaborado artigo pu-

blicado, ha poucos mezes, pelo sr. dr. Abilio Cesar Borges. Mostra ahí o meo illustre amigo qual seja em prol dos infelizes escravos a convicção de todos os brazileiros; a das assembléas provinciaes, e a das associações philantropicas; a dos proprietarios de grandes, e a dos cidadãos de pequenos haveres; a da esperançosa mocidade dos nossos lyceos, e das nossas escholas primarias; a das sociedades secrétas, e das ordens religiosas.

Ungido com o oleo santo do sacerdocio toca-me fallar mais circumstanciadamente em nome do Christianismo, fazendo relação, embora por maior, dos esforços empregados pela Religião Santa de Christo em bem dos escravos, lá, n'essas remotas plagas do Cruzeiro. Sóbra que darei mais fielmente execução ás ordens de v. s.^a

Tudo n'este particular, é obra do Catholicismo.

Qual a asphinge, achava-se em presença da humanidade o problema da escravidão, e isto no correr tardío de muitos seculos, sem nunca achar solução cabal. ¿Que importavam as bellas maximas de Seneca ao opprimido?

«Sunt verba et voces, praeterea que nihil»

Só o Christianismo, proclamando a fraternidade de todos os homens com Christo, logrou bastante força para dar a resposta de ha tanto procurada, e pulverisar os preconceitos de quatro mil annos, semelhantes a essas nuvens que corôam o cimo dos montes, e dissolvem-se ao despontar do sol. E se não veja v. s.^a, nascem os homens em diversas condições; uns curtos de engenho, outros dotados de alto descortino; uns são reclinados, como o filho de Deus, nas palhas de um estábulo, no infimo gráo das humanas posições; outros estendem-se em fofos colchões de pennas, debaixo de céos de brocado, filhos que são dos mimosos da fortuna. A igualdade é, na ordem natural, bem como na moral, uma utopia, um sonho de frenetico.

Ora um dia veio o faminto bater á porta do opulento.

— Nada tens: de ninguem és credor, morre pois. Com que sustentar-te-hão?

— Com o pão do rico.

— Mas o pão do rico a elle pertence, e não a ti. É mister compral-o.

— ¿Compral-o! ¿mas com que, se nada possúo?

—É engano, ainda te resta algum bem, teos braços, tuas forças, teo corpo. Dar-te-hei o pão de cada dia, em troca dar-te-hás a mim.

Tal, ill.^{mo} sr., o contracto pelo qual vende o homem a sua liberdade. Os tempos d'antes de Christo só conheciam o rigor logico d'esses principios. Um dos seos poétas tinha dito:

«humanum paucis vivit genus.» ¹

O escravo nada possuía, nem até o seu peculio, adquirido á custa de trabalho e de vigílias. Na mão do senhor estava sequestrar-lh'o. Não tinha esposa ou filhos. Os seos amores eram casuaes, e o laço conjugal nunca os abençoava. As creanças nascidas do momentaneo ardor dos sentidos e da promiscuidade do ergástulo, pertenciam ao dono da mãe, como as crias dos animaes. É a phrase de Aristoteles. ²

Nasceo então em uma lapa o Salvador do mundo; passou a vida com os pobres: as chaves da Egreja, depositou-as nas mãos callosas de um pescador dos mares da Galiléa.

Quando calada a humanidade ouvia esse atroz blasphemar, tu te elevaste lá no Oriente, oh Cruz, envolta em gloria, e bradaste, tremenda, ao forte, ao rico: — mentira! — E o servo alevantou os olhos, onde a esperanza scintillava a medo, e viu as faces do senhor retinctas em pallidez mortal, e errar-lhe a vista trépida, vaga. *A Cruz no Céu do Oriente da liberdade annunciou a vinda.* ³

¹ Lucano, Phar. V. 373.

² Sr. L. A. Rebello da Silva, *Fastos da Egreja*.

³ Sr. A. Hercul. — Negará luz ao sol quem puzer em duvida verdade tão poéticamente expressada pelo illustre historiador. Leia a preciosa obra de Balmes o *Catholicismo comparado com o Protestantismo*, o que desejar mais amplos conhecimentos n'este ponto. Citarei no entanto algumas palavras de Mr. Duruy: «Ce que Marc Aurèle, Epictète et Sénèque, dans ses bons jours, disaient á quelques sages, les missionnaires de l'Evangile vinrent le dire á tous, mais avec une bien autre puissance. Car, au lieu de ces doctrines qui devaient demeurer individuelles, parcequ'elles ne se ratta-chaient pas à une croyance religieuse, à la place d'une philosophie qui, restait stérile..., ils élevaient une religion active, energique, armée de la morale la plus pure et du dogme le plus capable, par ses mystères mêmes, de saisir fortement les intelligences.»

Basta isto para provar o que disse, não tendo de cursar presentemente por todos os seculos, para mostrar em cada um d'elles qual a influencia do Catholicismo n'esta parte. Senão de narrar, embora de passagem, o occorrido entre nós, os Brasileiros.

Relève v. s.^a que proponha, de primeiro, a seguinte idéa e vem a ser que é obra Européa a escravidão no Brazil. Nosso não é tal crime. Senão diga-me v. s.^a, ¿como quebrar as algemas do nosso visinho, quando rojamos ferros? ¿como enchugar allêo pranto, quando em lagrimas nos mirramos?

Qual fosse o modo de tratar as suas colonias Americanas, seguido já por Portugal, já pela Hespanha, sabe-o o mundo inteiro.

Fr. Bartholomeu de Las Casas, que oito vezes cruzou o Oceano para advogar a causa do Índio, e só parou quando tolheo-lhe a velhice os passos, afirma que chegavam os Hespanhoes a sustentar seus cães com carne dos Indios, que para isso espostejavam, como a qualquer bruto.

Desses mesquinhos, quaes matavam-se a si mesmos com peçonha, quaes lançavam-se á corrente dos rios, quaes afogavam os proprios filhos para que não chegassem a conhecer a infelicidade d'aquelles tempos.

Prova a historia que mais humanos que os Hespanhoes foram os Portuguezes, e todavia o sangue do indigena tingio mais de uma vez a terra.

«Como os brancos portuguezes, diz Fernão Guerreiro, iam povoando a terra, e fazendo engenhos de assucar e fazendas, e para isto tinham necessidade de muitos trabalhadores, começaram de lançar mão dos naturaes da terra, e o que peor é, a captival-os, e fazel-os escravos, ferrando-os, e vendendo-os para diversas partes da mesma provincia. Pelo que os pobres Brazís, como de sua natureza são tristes e coitados, entraram em tamanha melancolia, que os mais d'elles morreram, e se consumiram: outros fugiram pela terra dentro, e não pararam se não d'alli a cento, e duzentas leguas, e deixaram a fralda do mar despovoada.»⁴

¡Pobre Indio, folgava mais em descansar debaixo da ra-

⁴ *Relação annual das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da India oriental, e no Brazil, Angola, etc. nos annos de 602 e 603. Lisboa: 1605.*



mada das selvas, do que á sombra do tecto senhoril, mais grato do que a voz do seu civilizador era-lhe o rugir da onça em noite procellosa!

Nas mãos do Padre Caldas depositou a musa Americana temperada lyra: tangeo-lhe as cordas para cantar a felicidade do *homem selvagem*:⁵ e na pedra negra do fado mandou outro poéta marcar o dia em que as quilhas portuguezas pela vez primeira sulcaram as céruleas aguas do *Porto Seguro*:

Parece que prégaes á humanidade
 que á dor nasceu, á pena, ao pranto, á magoa.
 ¿Da America tranquillos habitantes,
 quem melhor do que vós pôde affirmal-o?...
 ¿Vós que outr'ora o destino parecia
 á desdita furtar?... ¡Em vão natura
 vos tinha acantonado em mundo ignoto!...
 ¡Immensuravel pelago de balde
 vos circum-defendia! ¿que obsta ao homem,
 quando o inflamma a ambição, o accende a gloria?...
 Por esse mesmo pelago já rompe
 o lbero destructor co'a morte ao leme;
 de balde empolla o mar, que s'embracece
 com a insolita audacia!... em vão tres vezes,
 o genio deste globo a mão levanta
 porque em liquido tumulto sepulte
 dos corsarios da Europa o nome, os crimes
 irrevogavel lei do fado o impede;
 Elle o conhece, e as lagrimas lhe assomam.
 «¡Ai, miseranda America! não posso,
 «não te posso valer!... Eu vejo os ferros
 «eu vejo a escravidão, vejo os estragos
 «que esses baixeis conduzem! a ventura
 «foge deste hemispherio, e amor com ella.
 «Olho o sangue, olho o fogo: já fuzila
 «o tremendo Cortez, o audaz Pizarro.

Reconheceo Portugal seo crime, e só tarde e bem tarde é que o famigerado Marquez de Pombal pugnou com o devido esforço pelos direitos sagrados do Indio.

⁵ A respeito do Padre Antonio Pereira de Souza, natural do Rio de Janeiro, diz o sr. Innocencio F. da Silva no seu precioso Dictionario Bibliographico: «o merito do Padre Caldas como poéta pode bem avaliar-se pelas obras que nos deixou, e não soffre contestação. . . . A parte os seus trabalhos sobre a poesia biblica, são universalmente havidas por mais sublimes e bem pensadas a Ode sobre a religião, pag. 67 do tomo II — a outra Ode ao *Homem Selvagem*, pag. 125 — e a Cantata *Pigmalião*, pag. 117.»

No entanto desaparecia á olhos vistos a raça Americana; rareava de dia em dia nas *tabas*. Para soccorrer á agricultura com braços importaram então ao Brazil os miseraveis Africanos. Volveram Lisboa e Bahia ao que tinham sido outr'ora Chios, e Samos—vergonhoso mercado onde vendia o homem o seu semelhante.

Já tão avultado era em Portugal o numero dos escravos, no reinado de D. Affonso, o *Africano*, (1432-1481) que era necessario exportal-os para diversos paizes estrangeiros.

Pelo que toca ao Brazil bastará citar alguns auctores da epocha.

O Padre Fernão Cardim, ⁶ que floresceo no ultimo quartel do seculo XVI, orçava em trinta e seis os engenhos do reconcavo da Bahia, tendo os mais d'elles cento a duzentos escravos de Guiné e da terra.

No seculo XVIII, escrevia o sabio e virtuoso Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide ao Rei D. João V: «acima disse que haveria nelle (Arcebispado) mais de noventa mil almas, e d'este numero certamente posso affirmar que muito mais de cincoenta mil são escravos: e não é encarecimento, porque na cidade o serviço interior, e exterior das casas é feito por escravos, e fóra d'ella no reconcavo, e sertão elles são os que cultivam, e tratam das canas, tabacos, mandiocas, gados etc.; os que trabalham nos engenhos (exceptuando os pobres, e miseraveis) só servem de determinar aos escravos o que hão de fazer ou sejam seos senhores, ou feitores de seos senhores... Acresce que um anno por outro da Costa da Mina, e de Angola entram *mais de dois mil* escravos nesta cidade da Bahia, nas embarcações que os vão buscar áquellas partes.»

Em uma nota ajunta o mesmo prelado: «no anno de 1703 na cidade da Bahia enterrou o esquife dos pretos escravos da casa da misericordia quinhentos e quarenta e quatro, e a tumba da mesma casa, commum para pessoas livres e escravas, duzentos e sessenta e cinco. Em 1711 enterrou aquelle seis-

⁶ *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Sancto, Rio de Janeiro etc. Lisboa; 1847—8.º—Vi o original em Evora.*

centos, e esta trezentos. ¶ E quantos seriam os que por não serem baptisados se enterraram no campo!»

¶ Dir-se-ia apagada n'esses seres degradados a lampada immorttal do espirito: dir-se-ia não lampear-lhes dentro n'alma uma luz, reflexo do immortal!

O veneravel Arcebispo, cujas palavras acima citei, deplorava amargamente tão fatal cegueira: «o de que principalmente tratam os compradores é de porem os escravos ao trabalho, e descuidam-se tanto de lhes ensinar a doutrina christã, que poucos são os que tem a fortuna de serem baptisados dentro de um anno..... E a todos é manifesto as muitas creanças que continuamente se baptisam, filhas de pretos infieis, os quaes geraram muito depois de entrar n'esta terra... Pois os miseraveis que quando se lhes acaba a viagem chegam enfermos, magros, e famintos da dilatada navegação, ou de alguns achaques que lhes sobrem no mar, como hexigas, sarampos etc. certamente morrem para o inferno, por que são mui poucas as pessoas a quem os escravos vem, havendo-os de vender, que em quanto os tem em seo poder os mandem ensinar.»

Á vista de tão fidedigna declaração, pondére v. s.^a qual a vida d'esse Africano boçal, que aos vicios da natureza unia os requintes criminosos do homem civilisado, que demasiado tinha-os debaixo dos olhos. ¶ Que males para a sociedade Brasileira! Mais que muito os conhecemos nós, as victimas d'esses erros passados.

¿Qual é, pois, o teu destino, ó Patria minha? ¶ És um paraizo, um brinco da Providencia; deo-te ella em partilha riquezas immensas: tú as entregas ao estrangeiro, que acha no teu regaço o repouso e a paz, e eis que dextra negra, como a morte, vem inscrever-te sobre as portas o distico que o Epico Italiano lançara nos umbraes da cidade do pranto e da dôr:

«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!!»

Objectar-me-hão talvez que era mister povoar esse novo mundo, rasgar as entranhas d'esse solo, onde occultos jazem

tantos thesouros, derrubar as sombrias mattas, e n'ellas lançar os allicerces de florescentes cidades.

Não: é debalde que se julga medrar a obra regada pelas lagrimas do escravo. Ahi está para proval-o a experiencia da Grecia, de Roma, da França, e ultimamente dos Estados Unidos. Apenas a largura de um rio, diz Tocqueville, é bastante para apresentar o contraste mais saliente. Em quanto a margem que é occupada pelos Estados que não admittem escravos ostenta fertéis e bem cultivadas campinas, uma industria florescente, um povo laborioso, e uma população crescente, a outra margem em que ha escravos apresenta vastos desertos, casas disseminadas, uma população minguada, e um povo indolente e pouco industrioso.

Demos ainda de barato que com o existir escravos, prospere a agricultura, está sempre de pé a eterna lei da justiça, e ella é que exalta as Nações, fazendo os peccadõs miseraveis os Povos.

¿Quem não vê quanto semelhante principio é falso, e perigoso, e que a politica, separada da justiça, não pôde ser senão um laço armado contra a segurança, e prosperidade das Nações, ou uma base ruínosa, que cedo ou tarde lançará por terra o edificio Social? Todas as Naçoens são obrigadas, sem duvida, a procurar o meio da sua conservação, e bem estar, e evitar a sua destruição; mas é preciso que estes meios não sejam injustos, nem reprovados, e prescriptos pelo Direito Natural. Isto é o que diz *Wattel*, e todos aquelles que ensinam os primeiros elementos do Direito Natural, e das Gentes. ¿E haverá quem diga que os meios fornecidos pelo commercio de escravos não são injustos, ou que este commercio não é illicito, vergonhoso, degradante da dignidade do homem, anti-social, opposto ao espirito do Christianismo, e sómente proprio para retardar os progressos da civilisação da especie humana? ⁷

Folheie os escriptores da epocha quem quizer presenciar essas sanguinolentas scenas da historia Luso-Brazileira: de tão dolorosa taréfa não me faço cargo.

⁷ D. Romualdo Antonio de Seixas, Primaz do Brazil, Marquez de Santa Cruz, *Discurso no parlamento Brazileiro sobre o tratado para a abolição do tráfico da escravatura*, na sessão de 1827.

Longe está do meo pensamento desfazer na piedade d'aquelles Reis que convertiam em sumptuoso mosteiro a ermida de Rastello, e mandavam edificar o suberbo templo da Batalha: ahí estão as suas leis e ordenações tendentes ao bem-estar dos Indios e dos escravos: se levanto a ponta do véo, que encobre cousas passadas no decurso de tres seculos, é porque julgo que a historia quando falla é para instruir, não para insultar.

Por serem notoriás essas leis passal-as-hei em silencio, citando apenas uma carta inedita de El-Rei D. Pedro II ao Arcebispo da Bahia com data de 23 de fevereiro de 1693.

Reverendo em Christo Padre Arcebispo da Bahia, Amigo.

« Ainda que de vossa pessoa fio que poreis grande cuidado em tudo o que fór de vossa obrigação como o maior bem das almas, e o amor dos proximos, me pareceo recommendar-vos que mui particularmente procureis saber se os escravos que assistem nos engenhos, e nas mais partes em que seos senhores os costumam mandar trabalhar, se lhes assiste com o pasto espirital, e se lhes fazem aquellas doutrinas, que são necessarias para saberem o que devem saber todos os fiéis christãos para a sua salvação; como tambem se os senhores os tratam com crueldade no castigo, ou dando-lhes o trabalho tão excessivo, que exceda as forças da natureza humana, para que a tudo faças dar o remedio que fór conveniente, e que póde ser da vossa obrigação, e assim tenham os escravos toda aquella doutrina que se lhes deve dar, e se lhes não falte com o pasto espirital, nem com elles o trabalho, e castigo se exceda o que póde ser licito, sem se peccar contra o amor do proximo.»

O mesmo monarcha ordenara:

« Mandamos que qualquer pessoa de qualquer estado, e condição que seja, que escravos de Guiné tiver, os faça baptisar, e fazer Christãos do dia que a seu poder vierem até seis mezes, *sob pena de os perder.* »

Com ser tão dura a sancção não deixava de grassar o mal, e continuavam as ordens dos Reis a ser palavras que ou mor-

riam nos labios, ou ficavam sobre o papel. E a rasão era que nem sempre mandavam governar a náó do Estado nos mares Brazilicos a homens prudentes e cordatos. Pela seguinte carta poderá v. s.^a avaliar a situação em que então nos achavamos.

Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Senhor ⁸

«...Na administração do meu governo vou soffrendo quanto Deus sabe, porque ninguem quer a justiça em sua casa. Tudo é ameaçar com aggravos para a corôa, ainda que até agora não tem havido algum. E é para mim uma memoria bem triste o considerar que a Junta da Corôa n'esta terra se compõe de tres rapazes, para os quaes ordinariamente são as raparigas da terra a mais poderosa valia.... Eu vivo solitario porque não quero assembléas em minha casa, não fallo, e ás vezes ainda que me dóe não me queixo.... Por fim repetirei a v. ex.^a um proposito certissimo, e é o seguinte: os *Governadores na America governam mais soberanamente que o Rei*, e os Bispos não tem mais que a sombra de Bispos, etc.

Pará 17 de fevereiro de 1774.

Fr. João Evangelista Pereira da Silva.»

Ao lado, porém, da grande depravação dos senhores, da incuria dos Governadores, ostentava-se o zelo dos nossos missionarios: não se póde negar que pozessem todo o estudo em sobreestar as funestas consequencias da escravidão.

Suster a corrente de um rio, que se despenha, qual louco, é de insensato: procurar diminuir-lhe a força, abrindo sangra-douros, por onde desague, é de homem de siso.

⁸ D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Beja, e depois Arcebispo de Evora. Este sabio e zeloso Prelado «fundou a bibliotheca publica de Evora, e salvou a cidade do mais horroroso estrago que o que soffreo pela calamitosa invasão de 1808.» Refére José Agostinho de Macedo a seguinte anedocta: «gostei da ingenuidade do Arcebispo de Evora, porque perguntando-lhe que ferida fôra aquella, cuja cicatriz conserva na cara, me respondeu: que fôra uma chispa de um ferro em brasa que o pae malháva na bigorna. Ser filho de um homem que trabalha, é ser filho de boa familia, etc.» (Vide *Diccio. Bibliographi.* do sr. Innocencio Francisco da Silva.)

Taes consequencias sabiam-nas pésar, elles, os obreiros do porvir,—consequencias subversivas da sociedade, pois são perniciosas não só para o escravo, mas também para o senhor. V. s.^a lembrar-se-há sem duvida do que disse um publicista, que quando o homem prende uma cadêa ao pescoço do escravo, Deus solda a outra extremidade no pescoço do tyranno. Ainda mal, que temos d'isto lastimosas experiencias. Cifram-se todas nos queixumes d'aquelles irmãos, de quem se falla nas sagradas paginas.

«Por ventura não vos disse eu, não querais peccar contra o nosso irmão: e vós não me ouvistes? eis ali se requer de nós o seu sangue.

E uns aos outros diziam:

Justamente padecemos estas cousas, porque peccámos contra o nosso irmão, vendo a angustia de seu coração, quando elle nos supplicava, e nós o não attendemos: por isso veio sobre nós esta tribulação.»

Sim, ill.^{mo} sr., aviltamos o nosso semelhante até compa-ral-o aos brutos, o calunniamos, o corrompemos, torcemos-lhe o coração como uma esponja; pois bem, uma gota de fel cair-nos-há sobre a cabeça: *eis ali se requer de nós o seu sangue.*

Anchieta, Fernão Cardim, Pinto, Vieira, todos os nossos missionarios em uma palavra, foram, como o padre Claver em Carthagená, os protectores d'esses infelizes. Aos olhos do africano e do indio, missionario e libertador eram duas palavras irmãs.

«E que muito, se prégavam o Evangelho, o codigo sublime da liberdade, podendo-se dizer com um escriptor de nota que o mundo actual todo inteiro, com suas leis, seus costumes, suas instituições, suas esperanças, não é senão o velho Evangelho mais ou menos incarnado na civilização moderna?

Deus é o pae da liberdade, e não foi para abafal-a que Elle depositou-a em nós como a chamma vivificante do nosso existir. Quem ataca a liberdade do homem, ataca a obra do Creador. No meio da cerração da noite humana, então que a espada era lei, e direito a força, ergueo-se no cimo da montanha, que se eleva sobre o valle de Tephett, o pendão da liberdade, a Cruz do Redemptor.

Não destruíram com obras os nossos missionarios, o que asento com palavras.

«A segunda sorte de gente com que os padres fazem muito fructo são os negros de Angola, e Guiné, por haver grande numero d'elles n'esta terra, e muitos tão boçaes, que quasi se lhes não encherça uso de razão. Estes estão espalhados pelos engenhos e fazendas de seos senhores, e porque não é possível virem ás villas e cidades, ha alguns padres que ordinariamente correm todas estas fazendas, confessando-os, casando-os, ensinando-lhes a doutrina e administrando-lhes os mais sacramentos, assim a elles como a seos senhores, e para isto se detem em cada fazenda alguns dias, de que não se póde encarecer o fructo que se lhe colhe, porque se os padres d'esta maneira o não fizeram, muito poucas d'aquellas almas se salvariam.»

Achava-se o Arcebispo D. Luiz Alvares de Figueiredo visitando a sua Diocese: na freguezia do Rio de Contas já se despedia o bom do Prelado para passar a outro lugar, senão quando se lhe apresentam a poucos passos dois pretos escravos pedindo-lhe que se não fosse sem os chrismar: mandou logo reconduzir o pontifical, e voltando para a Igreja, conferio-lhes o sacramento da confirmação.

Entre muitos nomes que viverão na successão de todos os seculos, citarei ainda o do veneravel Fr. José do Espirito Santo, fundador dos religiosos Carmelitas, na Bahia. Esse santo varão, honra da sua ordem, trocou os pulpitos da real capella, aparecendo n'elle ao lado do eloquente Padre Antonio Vieira, e do santo Padre Bartholomeo do Quental, pela guarida do escravo, abandonado em uma enxerga, theatro de angustias e de lagrimas. Entendeo o Principe Regente (1669) que em tão reconhecido merito deviam assentar as honras episcopaes, mas o filho do Carmelo, cheio de humildade, declinou-as sempre.⁹

⁹ Chamava-se no seculo José Barroso, filho de Paulo Barroso, natural da villa de Guimarães, e de Catharina Francisca. Nasceu em Braga aos 25 de dezembro de 1608. Em Bussaco leu philosophia, e theologia. Por ordem dos seus superiores foi á fundar o convento do Braga (1652), governou em seguida o de Cascaes (1657), e fundou o da Bahia (1665). Ahi plantou a observancia com tal apuro, que parecia levar vida angelica, na phrase de meu illustre comprovinciano, Sebastião da Rocha Pita. Ouvindo-o prégar o Padre Antonio de Sá, «amanuense do Padre An-

Quando sobre nós levantou-se uma luz como a do meio dia, quando a da independencia confundio-se com a que partira do Calvario, para presidir aos destinos do novo Imperio, foi a de um Bispo a voz que mais energica reboou nas salas do parlamento em prol do escravo, em prol da Patria, em prol das gerações futuras.

«Sempre estive persuadido que a palavra escravidão desperta as idéas de todos os vícios, e crimes; assim como que o doce nome de liberdade desperta as sensações e as idéas de todas as virtudes, e de todos os bens: sempre entendi que a escravidão é um estado violento, que abate o espirito, embota as faculdades do entendimento, perverte o coração, destróe o brio, e toda a emulação da virtude; sempre lastimei finalmente a sorte de tenros meninos Brasileiros, que, nascendo e vivendo entre escravos, recebem desde os seus primeiros annos as funestas impressões dos contagiosos exemplos d'esses seres degenerados; ¡e oxalá que eu me enganasse! ¡Oxalá que fossem mais raros os triumphos da seducção, e os naufragios da innocencia! ¡Oxalá que tantas familias não tivessem deplorado a infamia, e a vergonha em que as tem precipitado a immoralidade dos escravos! Convenho com o illustre Deputado nos elogios, que fez aos pretos, e pardos, muitos dos quaes se fazem credores da maior estima, eu não avalio os homens pela côr

tonio Vieira, e seu melhor discipulo» disse aos religiosos da Companhia:

«Padres, saibam vossas reverencias, que á Bahia não veio homem mais douto, nem mais vistoso que o Padre frei José do Espirito Santo.»

Morreo em Madrid (1674) em idade avançada. Foi o seu retrato collocado no convento de S. Hermenegildo com a seguinte inscripção:

Vener Pater Fr. Josephus a Spitu Sancto, qui plenus honorum temporalium extitit et pretor, honorum coelestium amator; in scientiis doctissimus, virtutibus perfectissimus; cunctis solamen, et in Regulari observantia Excalceatorum verus Carmelita. Bracharæ cum nobilitate ortus, feliciter obiit Carpentania die 27 Januarii anno Domini 1674, aetatis suae 65.

Escreveo—Theologia mystica m. s.—Cadena mystica Carmelitana.—Madrid: 1678.—Colaciones espirituales etc. m. s.—Questiones mysticas, Madrid, 1678:—Quatro tiernos de Sermones, Madrid, etc.

da pelle, mas pelo seu comportamento e character; o escravo, porém, não tem character; elle não é mais do que um cégo instrumento das vontades do seu senhor, um escravo virtuoso é um prodigio na ordem moral.»

O discurso do Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, na sessão de 1827, pela sua clareza, amenidade de linguagem, e remontado dos pensamentos, não se corre em presença do que pronunciou o eloquente campeão da causa de Deus e da humanidade, o conde de Montalembert, em 1837, e da brilhante pastoral de Mgr. Dupauloup, ao terminar-se a lucta entre os nossos irmãos, os Americanos do Norte, lucta que de certo não mareará os louros de Washington, pois derramou-se o sangue pela mais justa das empresas, a liberdade do homem.

Dirá por ventura alguém: ¿se tanto vos horrorisa a escravidão, se a estigmatisaes com tanta vehemencia, porque não a tendes extirpado?

Poderia responder-lhe que a doença que por tres seculos lavrou no seio de uma Nação não se cura em um dia. Julgo, porém, rebater-lhe o argumento com maior vantagem, pedindo que pondére que a abolição da escravatua não deve por nenhum modo furtar á terra os braços que cultivam-n'a; só deve mudar as relações entre os donos do solo e os obreiros. Ora esta mudança é custosa, demanda muitos trabalhos.

Todavia melhora de dia em dia o futuro do escravo Brasileiro.

Invoco o testemunho de um escriptor a quem muito deve a litteratura Portugueza.

«A sorte dos negros, diz, é muito mais benigna que nas outras regiões... O privilegio da redempção, que não existia nas colonias francezas, constitue um dos maiores beneficios de que o negro gosa aqui. Agora perguntará o leitor ¿como deixam ao captivo, que nada possui de seo, uma somma sufficiente para indemnisar o senhor?

«Commumente o escravo confia a um preto forro, ou ao individuo, que lhe servio de padrinho, a somma, que para seo resgate destina; porém ainda que elle mesmo a conservasse, d'ella não seria privado: a opinião publica altamente desap-

provaria o procedimento de quem de outro modo se houvesse: além de que existe uma lei positiva a este respeito. O numero de negros, que assim recobram a liberdade, todos os dias augmenta no Rio de Janeiro e nas outras cidades.»⁴⁰

Em summa, o regresso dos espiritos ás idéas da liberdade do homem não é uma esperança que se procura implantar no coração das turbas; é um facto em que todos se accordam.

Ainda não fruem os escravos do bem o mais doce, da completa liberdade, é certo: mas escrevo estas regras ao clarão da aurora d'esse almo dia, em que verá estalarem-se-lhe os ferros o ultimo descendente da raça que se dizia maldita de Deus, e dos homens.

É mister pereça esse verme roedor com a vasante do seculo XIX.

Oxalá que podessem nossos sobrinhos erguer fronte livre e soberana para saudar a alvorada de um novo seculo, abençoando o nosso nome!

Oxalá que podessemos tambem saudar-lhe o arrebol, antes de adormecermos do ultimo somno no saudoso regaço da Patria!

Ex illo celebratus honos, loetique minores
servare diem.
. quæ maxima semper
dicetur nobis, eterit quæ maxima semper.

Confio em Deus, e na benção que Pio IX, o Pontifice Martyr, concedeo em favor da nossa causa. Não desespero dos homens, e sobre tudo do illustrado Monarcha Brasileiro. ¿Dar-se há que não nascesse fadada para assignar um dos mais bellos actos da civilisação a dextra que, arvorando o auriverde pendão nas ameias do Humaytá, outorgou a carta da liberdade aos povos do Paraguay?

Rematando estas linhas, peço a v. s.^a um favor, e é que não procure nas minhas toscas palavras senão o que ha na minha alma, e que eu desejava ver por todos partilhado — o mais sincero amor da paz, da ordem, e da justiça.

⁴⁰ *Brésil*, par Mr. Ferdinand Denis. Paris: MDCCCXXXVII.

Aproveito da occasião para dar publicamente os meos agradecimentos ao sr. Ferdinand Denis pela urbanidade com que sempre acolheo-me, franqueando-me até a sua livraria particular.

No escravo descortino uma intelligencia irmã da minha, intelligencia coroada pelo maior dos infortunios. E não é na terra da Cruz, destinada de certo a grandes cousas, que essa intelligencia será esmagada.

Sim; missão sublime recebo do Altissimo o povo que pôde apontar, na primeira quadra da sua emancipação politica, um estadista como José Bonifacio de Andrade, um economista como o visconde de Cayrú, um orador sagrado como Mont'Alverne, um Bispo como D. Romualdo Antonio de Seixas.

Para que o Brazil venha a ser uma grande Nação uma cousa é necessaria: nós a temos, e é que a nossa mocidade, medindo a palmos o futuro, e certa da alta missão, a que é chamada, corra sem egoismo o vasto theatro da intelligencia humana.

Joven, unir-me-hei a elles para arrotear a alma do povo; sacerdote, votarei á causa patria o verbo, com que o anjo do Senhor ungiu-me os labios no dia em que no céo escreveram-me o nome no aureo livro dos discipulos da Cruz. Á meiga sombra da arvore da redempção tudo cresce, tudo prospéra.

De todos os lados ouço dizer que a sociedade está perdida, que caminha de ruina em ruina, resvala de precipicio em precipicio.

Não: apesar dos seus crimes, apesar d'essa vertigem, que d'ella se apodéra, d'esse lodaçal de prazeres onde chafurda, d'esse vento que faz dobrar os mais copados cedros, não pe-reclita a sociedade, pois não extinguiu-se a voz do Prophéta, que mandara os ossos aridos ouvir a palavra do Senhor, quando quiz abrir os tumulos do seu povo, tiral-o do seu sepulchro, e conduzil-o á terra d'Israel. A apparição do Christo foi o toque de alvorada dos povos: a sua doutrina atravessa os seculos fazendo conquistas em bem da civilisação e do progresso, e essa doutrina ensina aos homens que não há Judeo, nem Grego: que não ha servo nem livre, porque todos somos um em Jesus Christo: *omnes enim vos unum estis in Christo Jesu.*

Eis, ill.^{mo} sr., o que me occorre sobre a questão.

Pedia o assumpto maior cabedal de luzes e conhecimentos, tal elegancia que não descaisse, tal harmonia que irresistivelmente encantasse, mas pouco importa: nosso dever é de batalhar pela verdade e pela justiça com as armas que temos.

Queira v. s.^a, etc.

Padre Dr. Romualdo M. de Seixas Barroso.

